

André
Borges

ETERNO AMANHÃ
Poemas da prisão

SEGUNDA EDIÇÃO
REVISTA E AMPLIADA

Prefácio
José Louzeiro

ETERNO AMANHÃ

Poemas da Prisão

André Borges

Rio de Janeiro

2001

Copyright © 2001 Editora DebreT

Titulo Original

Eterno Amanhã - Poemas da prisão

Rio de Janeiro 2001

Editor

João Carlos Luz

Escritor

André Borges

Capa

Jcarluz

Ilustrações

De Darcy

(Darcy Moreira de Araújo)

Editora DebreT

Rua Santa Clara, 115/1006 – Copacabana – Rio de Janeiro – RJ

Cep 22041 010 – Telfax: (021XX) 257-0335

*A missão do poeta é arrancar
da vida o fogo sagrado, envolvê-lo
em cânticos e entregá-lo ao povo.*

Holderlin

Para Diva Borges

Companheira de jornada

Dedico este livro
com muito carinho

André Borges

A POESIA SALVA

*José Louzeiro**

O que faz um livro de poemas, entre tantos que são editados, adquirir destaque? A questão é meramente formal, obediência aos cânones das escolas literárias, ou basta que o poeta seja um erudito e mestre na arte de escrever?

Em seu livro *Lê Droit de Rêver (O Direito de Sonhar)* diz *Gaston Bachelard*, a propósito da pintura-poesia de Marc Chagall:

"Jamais Chagall queria brutalizar a franja, deter essa sempiterna vibração dos contornos que dá a própria vida a tudo o que a luz do dia aclara, seja ao cântaro sobre a mesa ou ao limite do caminho".

Nesse livro, o grande filósofo da ciência sonha e nos arrasta para o envolvente espaço onírico, construído como diria o professor José Américo Pessanha, numa geometria que se contrapõe á da vigília e nos *"desvenda a essência mesma do poético: o mistério de uma instantaneidade ambivalente, uma androginia"*.

A poesia de *André Borges* encaixa-se nas preocupações de *Bachelard* e, se não alcança o primado da forma, suas fimbrias são nitidamente sonoras e profundamente doloridas como doem os melhores poemas. **"Regressarei à vida - diz André - onde me espera a luta / no corpo / levo o execrável / estigma das grades / no coração / uma esperança nova / na alma / uma paixão que arde: / - Liberdade! Liberdade!"**

* Nota: José Louzeiro, Maranhense, Escritor, Jornalista, Ex-presidente do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro, Roteirista. Publicou dentre outros trabalhos, *Passageiro da Agonia* e a *Novela Guerra sem fim (TV Manchete)*.

Os poemas deste Eterno Amanhã foram escritos nas prisões. A coisa dita, assim, soa como detalhe sem importância. Mas o cárcere é o inferno da dor e do ódio, o medo; ultrapassá-lo só é possível aos que se deixam salvar pela poesia, seja qual for sua manifestação.

André Borges conseguiu o impossível. Ele fez do sofrimento, manto e agasalho; transformou lágrimas em sorrisos, reinventou a esperança, plantou sonhos nos canteiros da primavera enquanto a poesia emprestava-lhe força salvadora, o sistema destruíra, pois no Brasil o conceito de prisão ainda é coisa medieval. E André foi sendo transferido de um ciclo do inferno a outro. Quando não havia mais para onde mudá-lo, retornava ao princípio, e a roda dos tormentos girava sem cessar.

Na condição de preso comum, estive na Lemos de Brito (Frei Caneca), anos 56/58, de onde fugiu, em maio de 69. Recapturado no mesmo ano, em plena ditadura militar (1969), foi confinado na Ilha Grande, agora rotulado como sendo preso político. Era o início da sarabanda. Ora vinha para o presídio **Hélio Gomes**, ora o colocavam na **Milton Dias Moreira**, na **Fortaleza Santa Cruz** ou o agrilhoavam a **Divisão Especial de Penitenciária**. De onde, acabou sendo solto no dia 13 de julho de 1979. Uma sexta-feira 13.

Paranense de Urucuritêua, André é o caçula de uma família de quatro irmãos. Quando a mãe se separou do marido, foi viver na capital, onde trabalhou como doméstica, a fim de conseguir criar os filhos. Um dia ele resolveu fugir no trem que ia de Belém a Bragança e, assim, chegou ao município de Guimarães, no Maranhão.

Localizado por parentes voltou para casa. A segunda fuga aconteceria mais tarde. Chegou a Recife, onde permaneceu quase um ano, passando fome e em absoluta miséria. Para ter o que comer escrevia cartas a pedido das prostitutas que viviam na rua Bom Jesus, no cais do porto.

Em um dia de sorte, tornou-se taifeiro da Marinha Mercante, uma espécie de garçom de bordo, atividade essa que exerceu por muito pouco tempo. Com a carteirinha de naval, foi ser bagrinho na estiva, que ganhava mais e, tocado pela aventura, mudou-se para o Rio, onde viveu um longo período na condição de desocupado.

Este poeta curtiu 21 anos e seis meses de cadeia pesada. Esteve pertinho da morte pelo menos três vezes: quando se envolveu numa briga com um desconhecido, numa pensão de mulheres, no Recife; no momento em que fugia dos policiais e teve que escalar um muro altíssimo; ao ser levado para a Ilha Grande, onde o atiraram

numa "*casa de caboclo*", que significa entrar no pau sem dó nem pena.

Após todas essas peripécias, e só Deus sabe como, manteve-se vivo, combatendo o ócio com seu intenso trabalho poético. Muitos poemas perdem-se durante as sucessivas mudanças de prisões; outros, inúmeros outros, seriam rasgados pelos guardas que compunham as equipes de revistas nos cárceres.

Na calada da noite, na Ilha Grande, compôs "**Ociosidade**", escutando os gritos dos presos que eram torturados na Delegacia ao lado da sua cela. "**Mudanças**", este dedicado ao seu advogado Márcio Iuiz Donnici é, também, dos anos de chumbo.

Após a caminhada tão áspera, marcada por tanto sofrimento André Borges descobre: sua vocação não era a de taifeiro, saltimbanco e muito menos delinqüente. Desejava escrever, contar histórias, fazer poemas, desenvolver atividades políticas. Em 84 publicou seu primeiro livro: **Da Ilha Grande ao Poder**.

Em André Borges, poeta do desassombro, a dialética da dissimulação e da sinceridade não cessa de ser ativa, como diria Gaston Bachelard. Essa inquietação é o sinal vivo do seu poder de criatividade da busca do tempo perdido e do propósito que tem de participar da grande obra transformadora desde país, a fim de que tenhamos uma sociedade mais solidária e mais justa.

IMPORTÂNCIA DA POESIA

Os poetas estiveram sempre presentes nos importantes momentos da História. Contribuíram **poetisando** as grandes transformações sociais. Exemplos dessa atuação – nos tempos modernos e contemporâneos – são **Mayakovski, Mão Tsetung, Ho Chi Minh, Garcia Lorca, Neruda e Agostinho Neto, Che Guevara**. Poetas que, além de cantarem as transformações, participaram delas ativamente.

Não bastassem tais exemplos, para melhor se avaliar a importância da Poesia como **instrumento** de luta por transformações sociais onde poderíamos busca-los em nossa própria História, com a participação dos poetas **Cláudio Manoel da Costa e Tomás Antonio Gonzaga** na Inconfidência Mineira, o primeiro movimento pela independência do Brasil.

Destaque especial – dentre os poetas participantes da transformação social em nossa História – merece o poeta da Epopéia Negra, **Castro Alves**, por sua contribuição na luta abolicionista, cujo resquício da mazela da discriminação racial permanecem vivos, no atual momento em que vivemos. Razão pela qual **Castro Alves** – mesmo após um século da luta abolicionista – é tão atual e **inconveniente** ao sistema vigente.

Daí a importância de uma reflexão sobre o papel da Poesia, enquanto **instrumento** de luta e de transformação social. É fundamental que a Poesia penetre nos Sindicatos e fábricas, nos escritórios e escolas. Que ela reencontre assim o caminho das ruas e praças. Lugares de onde jamais deveria ter saído.

Autor

ETE

Eterno AMANHÃ de André Borges

são poemas doloridos do cárcere

Foram escritos com sofrimento, sangue, lágrimas e esperanças. Revela um poeta nato dotado de rara sensibilidade. A poesia o salvou nas noites desesperadas das celas. Era a sua fuga para a liberdade. O sentido da tragédia atravessa os seus magníficos poemas: “ É fim trágico / bem sei / a mim que somente a liberdade amei ”. A raiz da sua vocação poética, ele mesmo indica:” Gosto da Poesia / Porque me faz sentir / da Filosofia / porque me faz pensar”.

A circunstância da sua vida de prisioneiro conduziu-o a longas reflexões sobre o tempo, o vazio das noites e dias intermináveis, que se fundem num pesadelo: “Ontem/ o tempo parado/ o corredor vazio/ o frio bolorento escorrendo/ pelas paredes cinzas/ e a luz tragada pela escuridão/ do cárcere”. Estamos diante de um poeta de raça, moldado no sofrimento, que nasceu para lutar e sonhar sonhos líricos de amores perdidos e distantes e de esperanças que nunca morrem. Sobretudo, é um poeta militante da causa social. Outro poeta, Antonio Machado escreveu mais ou menos assim: Caminhante, não há caminho/ caminho se faz caminhando. André Borges continua palmilhando as trilhas da esperança de um mundo melhor.

Luiz Toledo Machado. Doutor em Letras pela USP e ex-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

SUMARIO

	Pag.
Cântico de um Presidiário.....	(13) 01
Reflexões.....	(16) 02
Proscrito.....	(17) 03
Espera.....	(19) 04
Ser Nada.....	(21) 05
Ociosidade.....	(55) 06
Poeta Vagabundo.....	(52) 07
Orquídea.....	(22) 08
Madrugadas.....	(62) 09
Sobreviventes.....	(25) 10
Muro de Berlim.....	(23) 11
Vietnã.....	(40) 12
Se Pudesse.....	(65) 13
Eterna Espera.....	(49) 14
Única Paisagem.....	(73) 15
Crepúsculo.....	(78) 16
Minha Nau.....	(76) 17
Jornada.....	(80) 18
Empirismo.....	(82) 19
Noite Fria.....	(105) 20
Amor de Poeta.....	(88) 21
Ausência.....	(86) 22
Primavera.....	(46) 23
Evolução da Vida.....	(71) 24
Tempo que passou.....	(43) 25
Oficina da Noite.....	(61) 26
Eternidade.....	(116) 27
Horas Amargas.....	(120) 28
Saudade.....	(48) 29
Vivencia.....	(57) 30
Noturno.....	(58) 31

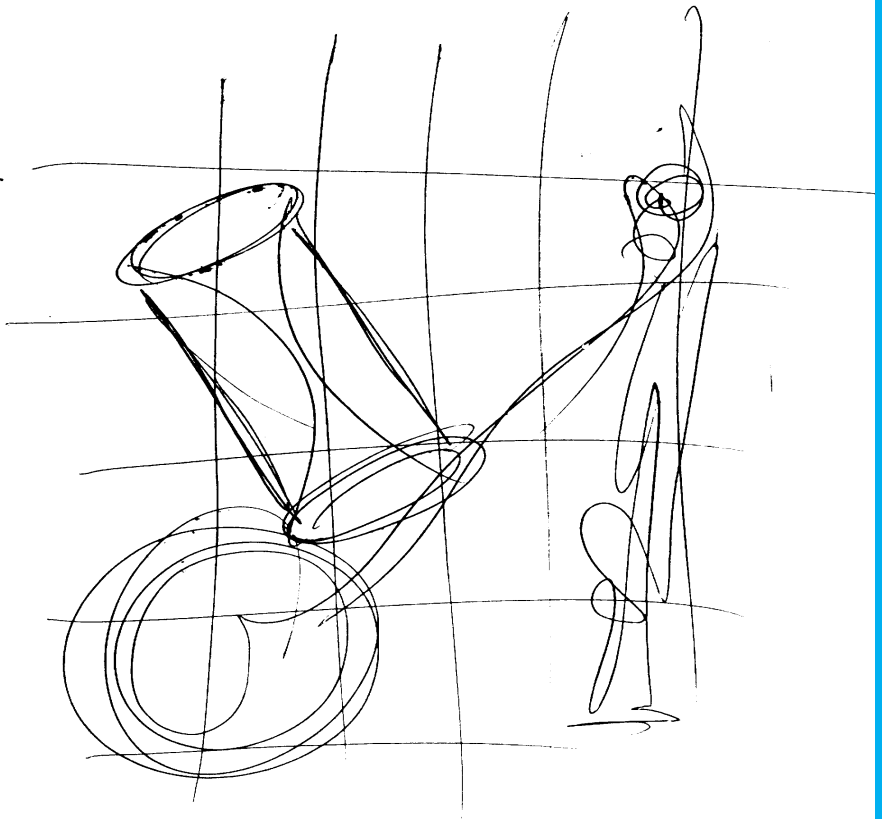
Inverno no Rio.....	(51) 32
Tempestade.....	(50) 33
Transitoriedade.....	(54) 34
Poema da Mãe.....	(33) 35
Filosofia.....	(32) 36
Manhã Primeira.....	(105) 37
Poema das Tuas Mãos.....	(91) 38
Poema dos teus olhos.....	(98) 39
Poema do Encontro.....	(96) 40
O Recado.....	(102) 41
Poema da Despedida.....	(100) 42
Poema do Retorno.....	(103) 43
Oráculo.....	(93) 44
Che Guevara.....	(82) 45
Castro Alves.....	(127) 46
Mundo de Amanhã.....	(38) 47
Ave Peregrina.....	(89) 48
Volta da Asa Branca.....	(107) 49
Eu sem você.....	(109) 50
Perpetuação da Vida.....	(111) 51
Murmúrio da Noite.....	(112) 52
Ninho.....	(114) 53
Lembrança.....	(124) 54
Último Verão.....	(129) 55
Medo.....	(41) 56
Ternuramor.....	(121) 57
Sonhadora.....	(122) 58
Poema Livre.....	(66) 59
Riso da Madrugada.....	(84) 60
Retorno da Saudade.....	(43) 61
Presença.....	(19) 62
Descrença.....	(117) 63
Paisagem.....	(113) 64
O Caminhante.....	(58) 65
Canção das Américas.....	(27) 66
Canção de Outono.....	(73) 67
Regresso.....	(36) 68
Mudanças.....	(67) 69
Tremor da Madrugada.....	(130) 70
Passeio nas Estrelas	(131) 71

Verão no Rio	(132)72
Eterno Amanhã	(133)73
A cegonha e a Primavera.....	(134)74
Caminhar.....	(136)75
Coveiro da Esperança.....	(137)76
Viagem na Noite.....	(138) 77
Séculos de Ternura.....	(140) 78
Sol sobre Flores.....	(141)79
Poema Olímpico.....	(142)80
Nossos Instantes.....	(143) 81
Se vieses hoje.....	(144) 82
Futuro há de Vir.....	(146) 83
Vento da Bonança.....	(149) 84
Abrir a Porta.....	(150) 85
Oração da Bella.....	(152) 86
Peças de roupa.....	(153) 87
Depois.....	(154) 88
Diva, uma lembrança.....	(155) 89
Murmúrios da Noite.....	(156) 90
Carnaval de 2018.....	(157) 91
Anjo Bella.....	(159) 92
Um Grande Amor.....	(160) 93
Diva das Levianas Noites.....	(161) 94
Um Maravilhoso Sonho.....	(162) 95
Uma Vida sem Paixão.....	(163) 96

CÂNTICO DE UM PRESIDÁRIO

Que importa morrer
Assim
Se através de grades
o viver é tão ruim?
Sinto se desvanecer
em mim
aquela ânsia de viver,
de correr pela vida,
essa estrada sem fim!
Valerá a pena lutar
quando no horizonte
a esperança
me acena adeus,
quando somente as brumas
envolvem os olhos meus?
É um fim trágico
bem sei
a mim que na vida

somente a liberdade amei.
A vida foge
entre paredes vou
amarelando
nos olhos esgazeados
as derradeiras lágrimas
vão secando.
Nessa terrível agonia
vou-me esvaindo
enjaulado neste abandono
sou tal folhas caindo
num vendaval de outono!



...ou tenho o universo dentro da cabeça?

REFLEXÕES

Ah! Se pudesse
fazer uma incisão
no bojo do tempo
transformar horas e dias
em simples instantes...
ah! Se pudesse
o homem viveria séculos
Não terei vivido séculos
nesses anos de cativo?
Dei um mergulho
profundo
no mar do tempo
Serei novo ou serei velho?
Estou com a cabeça
dentro do Universo
ou tenho o Universo dentro da cabeça?
Não sei
Talvez sejam delírios destas grades
grades
sinete da escravidão
ferro que alimenta
as grandes indústrias
o pilar do mundo moderno
Grades
argolas
escravos
pretos e brancos
brancos e pretos
argolas e grades
quando serão transformados em arados?

* Nota: Este poema teve origem numa carta escrita para Willian da Silva Lima, quando ele estava em liberdade.

PROSCRITO

Eu

Um proscrito

um judeu talvez

outro CHESMAN não serei

os anos e as grades

não mataram em mim

anseios

de outros mundo conquistar

Não sou pássaro cativo

Longe navegam minhas

esperanças,

do mar-de-livros

que naveguei

trago mensagens dos sábios

busco o sol

terra fértil

onde lançar idéias nascidas

na estufa concreta do meu

degrado

Da rua me ferem os tímpanos
gritos da multidão
que assiste em festa
ao alvorecer
da nova era!
- Bastilha! Bastilha!
Nas pedras de tuas ruínas
esculpimos
o MONUMENTO ETERNO
dos proscritos
ali estão petrificados
angustiosos gritos
Triturastes homens e
Mulheres,
tudo em vão
porque
ruíste ao impacto
de seus libertários gritos
_ Abaixo Bastilha!
 Abaixo Bastilha!!!!

ESPERA

Para

Stella

Sterling

Quando vens
trazes nos olhos
a claridade da manhã.
Nos passos teus
há cadência ritmada
caminhas lentamente
como se pisasses flores
na certeza de ser
esperada.
Teu riso enfeita
a tépida manhã.
Agitas águas de há muito

adormecidas
se agitam lavas e...
de repente
ressurge a própria vida!
E chegas mais alegre que
um alvorecer
és um estandarte de esperanças
onde tudo parece fenecer.

.....

Mas quando vais
Cortantes são os passos que
te afastam
folhas de saudades encobrem
o rastro teu.
Alguém suplica em linguagem
muda:
- Por que não ficas,
pra que feres com a
fria despedida
este peito meu?

SER NADA

Ser preso
é transformar a ilusão
de vida
em apenas um sonho:
- liberdade
É tragar horas e dias
o silêncio de frias paredes
contemplar a vida parada
nas páginas de revistas
ou nas imagens sonolentas
do vídeo.

Ser preso
é colecionar sonhos
de meninos
caçar borboletas azuis
por entre vergalhões
tetricamente mergulhados
em CINZAS nuvens.

Ser preso

é ser simplesmente NADA

ORQUÍDEAS

Para a Diva, Com AMOR

O céu profundo
as muralhas
um banco
e cinco orquídeas.
Encontro de corações
na criação do amanhã
No banco
quatro mãos
quatro olhos e duas bocas
eram seis orquídeas
suavizando as perspectivas
tecnocratizadas
de nosso mundo.
Éramos flores no pétreo jardim
as minhas pétalas eram
grades...
o meu olhar, muralhas.
A tarde era festa

em que dançávamos
a bela vida.

O MURO DE BERLIM

Ao poeta **Moacyr Félix** *

O muro ruiu
A flor dos sonhos murchou,
a liberdade sumiu.
Os direitos conquistados ontem
hoje,
são argolas e grades.

O muro ruiu
do outro lado,
a esperança
é apenas o contraponto
do salário amargo
fazendo brotar da realidade
a desilusão.

O muro ruiu

petrificados estão os rios do
inverno
do Outono estão amarelas as
árvores,
do Oriente os pássaros
partem em revoadas
trinando nova aurora.
Porque o muro ruiu
as fábricas fecharam,
encheram-se de desempregados
as praças
onde o povo protesta aglomerado.
De repente, da multidão ergue-se
a voz:
- Acabemos com a miséria
- Vamos reconstruir o Muro.

* Nota: Em homenagem ao **DIA DOS ESCRITORES**, comemorado em 25 de julho. Momento em que o Poeta recebeu a Medalha Pedro Ernesto.

SOBREVIVENTES

Eles voltaram
do frio exílio
e da escuridão dos cárceres.
Nos corpos
trouxeram marcas indeléveis
das câmaras de torturas,
das insones noites de solidão
das dilacerantes expectativas
do amanhã incerto.
Eles voltaram
estão povoando as noites
quentes do Equador,
no reencontro de velhos
companheiros
de ruas clandestinamente
palmilhadas
com reflexões várias

de que caminhos percorrerem
voltaram sonhando
sonhos mais fortes de liberdade.
Porque sobreviveram
Trouxeram-nos terríveis estórias
de madrugadas escuras da
clandestinidade,
dos antros frios
em que pernoitaram
aguardando a manhã esperançosa
pela qual trabalham.
Suas vozes
ecoando em nossos ouvidos
soam como gritos
dos que ficaram plantados
pelos caminhos de covas
clandestinas
ou sob o imenso mar.

Canção das Américas

Um dia
me descobri a perambular
na amplidão do Novo Mundo,
por um Novo Mundo
que já não era meu.
Outros donos tinham suas terras,
suas minas e seus mares.
Desse Novo Mundo
meu era tão somente
o silêncio de verdes paisagens,
os murmúrios do vento primaveril
soprando longínquas histórias...
Misturado à brisa
longe, muito longe
rompia o véu de silêncio
tropel dos heróis nativos
galopando estradas,

palmilhando secretas trilhas
varando perigosos pântanos.
Perambulando
a imensidão do Novo Mundo
veloz
vi Zapata escalando montanhas
em seu cavalo negro
ao encontro de Pancho Vila
distribuindo terras
aos campônios mexicanos.
Perambulando
a imensidão da América
o Cavaleiro da Esperança
incendiava os sertões do Brasil
com a chama libertária.

Suaves brisas trazem
lancinantes gritos de escravos
agrilhoados em negros navios.
Sob pálida luz do luar
Zumbi rugia heroico
a cinquentenária resistência
dos Palmares.

Castro Alves
nas praças do povo, a clamar:
- América!
Apaga do teu mapa esse borrão,
fecha a porta dos teus mares!
Descortinando a imensidão da
América
louros corsários
na escuridão das noites
apoderam-se então do Novo Mundo.
Embora ecoe ainda
por tuas lendárias estradas
o tropel de Tupac Amaru, Bolívar,
San Martin, Sandino, Marti e o
General
das massas Abreu e Lima,
teus Heróis, América!
Tendo arrebatado Cuba
aos louros corsários,
a cintilante pérola
no colar do Novo Mundo,
sonho imorredouro de Martí,
ecoa ainda pelos cumes

de geladas montanhas
o libertário clarim
do imortal Guevara:
– Um! Dois! Três! Muitos Vietnans!
Às armas heróis da Liberdade.
E sob a estonteante luz da América,
Tiradentes vejo caminhar solene
ao cadafalso, a repetir convicto:
– Mil vidas tivesse
mil vidas daria
por tua independência, América!

CLAMORES NA PRIMAVERA

Primavera de 1996

primavera chegando
a chama crescendo
e o salário sumindo.
Flutua entre flores
a esperança
nas ruas agitadas
ouve-se já clamores
do ruminar do povo.
A primavera chegando
celeremente

a fome crescendo
 inquieto
o poeta na esquina
 examina
a “cidade partida”,
 o dia, morrendo
afogado num mar vermelho.

FILOSOFIA

Gosto da Poesia
Porque me faz “sentir”,
Da Filosofia
porque me faz “pensar”.

O que mais gosto

Na vida
é “sentir” o que penso
“pensando” o que sinto.

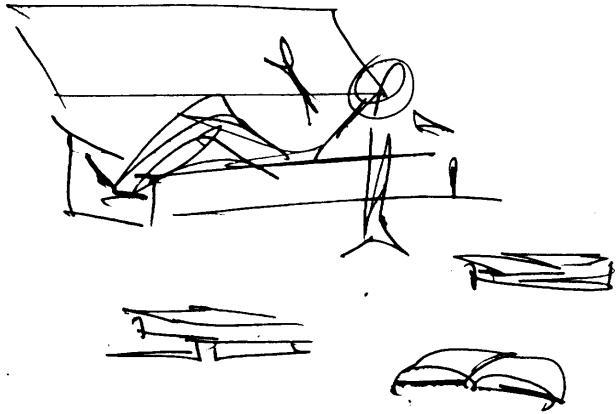
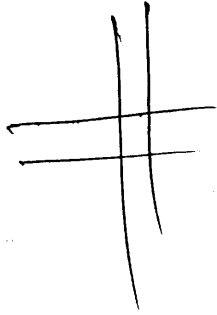
POEMA DA MÃE

Mãe
o amor fecunda
em tua maternidade
mosáicos de gerações.
Célula Mater
de espécimes geniais
ao mundo destes

“pequenos príncipes”
e plebeus.

Criaram-te ritos
os mais divinais.
Filhos te ergueram estátuas
num simbolismo universal.

Mãe
cujas mãos
multiplicara m mãos
que coisas humanizaram
moldando a vida
num ideal sublime,
teus são esses versos:
– essências do que
amando
semeaste no jardim
da vida!



Repouso no sepulcro...

REGRESSO*

Ao Willian da Silva Lima

Enganam-se os que
me julgam vencido
no desterro dessas grades
forjo as armas
de combates
da batalha do oprimido

Crescem-me n'alma
os germes dos proscritos
irrompe do meu peito
um brado de revanche
em surdos gritos:
-Eu não fui vencido!
Repouso num sepulcro
sem nunca ter morrido

Embora da derrota a lança
sangre-me ainda o coração
não temerei novas batalhas

se empunho agora
a arma da Razão

Neste desterro
de grades guarnecido onde
às vezes
brilham luzes estelares
dos livros sorvo o saber
e as lições de lutas milenares

Regressarei à vida
Onde me espera a luta
no corpo
levo e execrável
estigma das grades
no coração
uma esperança nova
na alma
uma paixão que arde:
- Liberdade! Liberdade!

*Nota: Este poema ganhou o 1º lugar no Festival de Música e Poesia, realizado na Penitenciária Lemos de Brito em 1968.

MUNDO DE AMANHÃ

O poeta canta hoje
O mundo de amanhã
do homem singrando o espaço
buscando outros mundos
ao encontro de vidas
por séculos sonhados
Canta seres concebidos
no ventre
dum tubo de ensaio
o pão sintético
pra famintas bocas saciar
bocas que soletram já a linguagem
do mundo cibernético

Canta nova aurora
feita de cores e dimensões diferentes
sem a constante escravidão
do trabalho assalariado
o poeta canta hoje
o mundo de amanhã

VIETNÃ

Vietnã
A moderna epopéia
De um povo à posteridade

Chuvas de bombas
de napalm
tingiram de sangue
de tuas crianças a infância
semeando a morte em teu solo
não te reduziram a cinzas
a férrea vontade de ser livre

Vietnã
(Davi moderno)
expulsaste já outros invasores

Lutas ininterruptas
quase te fizeram regredir
às cavernas

nunca porém
à escravidão

Vietnã
uma flor mais de liberdade
nasce no Oriente
teu povo há de voltar
tranqüilo
sorridente
novamente
aos verdes-ondulantes arrozais

Vietnã
És o poema épico
Que um bravo povo
estoicamente
escreveu no livro da humanidade

MEDO

O medo que tenho
é da chama se apagar,
do homem jogar a bomba
que a vida exterminará,
da viagem sem paisagem
donde sei impossível
alguém regressar.

O medo que tenho
é de não pregar olhos
na Aurora porque trabalho,
não ver o pão
na boca de todos,
da vitória jamais cantar.

TEMPO QUE PASSOU

Ah! Se soubesse pra onde foi
o tempo que passou
eu não sei
tu não sabes
mas ele deixou seus rastros
vincados em nossas faces
nas pirâmides
nas barbáries da inquisição
A História não condensa
O tempo que passou
Registra apenas relatos
do tempo que amadurou
das máquinas a vapor
do ordem que se acabou
Pergunto sempre aos que encontro:
- Pra onde o tempo passou?
Ninguém nunca me respondeu
talvez por não saber
se a vida aconteceu no tempo
ou se o tempo aconteceu na vida

dizer ouço somente
que o tempo sempre passou.

RETORNO DA SAUDADE

Com os olho juntei
pedaços da paisagem
e até quase cheguei
compor a tua imagem

Debrucei-me no mundo
buscando-te no além
trouxe do peito fundo
a solidão que contém

De folhas
fiz teu doce olhar
suaves
as fiz me acariciar

tuas frágeis mãos
de brisas mornas

No tempo
diluíram-se os gestos
e desses meus sonhos
modestos
somente
a saudade retorna

PRIMAVERA

Oh! Primavera
tu que pintaste o azul do céu
que devolveste vida
aos verdores da natureza
e salpicaste de flores os prados

Tu que devolveste calor
ao sol
e suavemente perfumaste a brisa
com aromas de mil flores
por que não trouxeste
o amor?
Para que novamente embelezaste
a terra
se esqueceste de trazer
o amor
princípio-fim de tudo?

Anda
oh! Primavera
vê em tua gigantesca cesta
de flores
se não trouxeste a Deusa
a quem cantamos louvores
a quem chamamos mulher?

Sem ela
de nada vale o azul
do céu
o perfume da brisa morna
a tranquilidade sonora
das matas
a suave
penumbra
das noites estreladas
sem ela
de nada vale
a própria vida

SAUDADE

Sentir saudade
é ter presente o tempo
que passou
é n'alma reacender
sentidas emoções
reavivar na mente
fisionomias
cenas
paisagens absorvidas

Sentir saudade
é reviver um belo
instante que se foi
é reler no íntimo do ser
o que o tempo num
incessante
gotejar de horas
escreveu
na folha da vida

ETERNA ESPERA

Como seria bom
se não tivesse eu
que esperar.
Esperar o dia nascer
o crepúsculo o horizonte
incendiar
pra que o sereno da noite
meus lábios viessem umedecer
nos lábios da branca lua
que espero sempre aparecer.
esperar à meia-noite
o sono que não vem,
a madrugada que custa chegar.
Ah! Se não tivesse eu
que esperar consumir-se
inutilmente
o que me resta de vida.

TEMPESTADE

A natureza enfurecida
despedaçou as árvores
fragilmente retorcidas

Escondeu-se o sol
Agitaram-se os mares
Revolveu-se a vida

A natureza enfurecida
Contagiou-me o ser
revolvendo lembranças esmaecidas

Varrendo pra longe
a saudade imensa
daquela outra vida.

INVERNO NO RIO

Outro inverno no Rio
sem você vou passar
sem a coberta dos teus abraços,
sobre pedras frias,
com você
doce é sonhar

Rever teus olhos ternos
que num distante inferno
me fizeram enamorar
agora
vento frio
noite vazia
são meus instantes
precedendo a madrugada
deste inverno no Rio.

POETA VAGABUNDO

Pelos caminha da vida
um amor busco encontrar
sem uma única guarida
continuo a caminhar
desponta já no horizonte
a sombra do anoitecer
e o sol agonizante
ameaça se esconder

Dentro da noite
continuo a caminhada
nem sequer sinto
o açoite
dessa vida amargurada

Como teto
tenho um céu estrelado
com leito
um folha de jornal

a coberta do desgraçado
é a brisa
dessa noite outonal

E já cansado
adormeço
num sono profundo
pois o relento é
o berço
do poeta vagabundo.

TRANSITORIEDADE

Que os anos passaram,
eu sei
Que meus cabelos branquearam,
eu sei

Não sei “quando” num dia claro
sob milhares de olhos,
esta noite tétrica
diluirá

Que a noite é transitoriedade,
eu sei
Quanto há de durar
Essa transitoriedade-noite?
Ah!,
Isso não me perguntem
sinceramente
não sei

OCIOSIDADE

A ociosidade nos espreita
de cada canto da cela
e espírito parece submergir
no pântano que nos rodeia

A fuga é o campo verde
da imaginação

As paredes nos embrutecem
A “alma” vai fanando-se
tal a nordestina planície
seca, sem arbustos

Sentimo-nos reduzidos
a vermes emparedados.

Sem horizonte
definham os olhos

Um dia
serão apenas órbitas vazias,
vazias de cores
de imagens
de paisagens
vazias de tudo

VIVÊNCIA

Sonhei
vivi
amei
partii

Andei
sofri
cansei
voltei

No peito
trazendo
o amor

Desfeito
morrendo
na dor

NOTURNO

Cerrou a noite
a paisagem do mundo.
Flutuando entre estrelas
perdeu-se a Terra
no vácuo profundo

Do incerto amanhã
onde jaz o sol?
Cerrou a noite
a paisagem do mundo

Perdeu-se o dia
num instante de agonia,
a noite é sombra vã
no crepitar eterno do amanhã

O CAMINHANTE

Andar sempre buscando
caminhos
do homem fez incansável
caminhante
Andar longínquo lugares
onde plantar futuros mundos
de flores se abrindo
de risonhas crianças
sem bombas caindo

Andando
cresceu o homem
e o lobo esfumou-se nos
rastros
de que outro mundo nasceu

Andando
buscando e amando
o homem fez-se senhor
dos princípios
das coisas
dividiu os dias

e criou os mitos.
Depois
sua consciência os matou!
Eterno caminhante
que das sombras colheu
a noite
fazendo com ela um biombo
onde
diferentes mundo sonhar
e que suas mágicas mãos
havam de criar
e sobre seus pés
(pisantes de distantes esferas)
sempre caminhar
Onde se alçar teu pensamento
teus pés hão de imprimirem-se
caminhante
de ignotos mundos siderais
apanhador de rútilas auroras.
Até que o mundo
teu sonho se faça,
caminhar
homem
caminhar será o teu destino.

OFICINA DA NOITE

Puxei o cordão do tempo
e do fundo de um lago
a noite boiou mansamente.

Como o pedreiro constrói casas
em que nunca há de morar,
esperanças meu ofício é construir
nesse fluir

constante
de vazias noites e dias.

Na oficina da noite
construo esperanças
com que outros não de sonhar
sonhos de liberdade
de um amor infinito
sem amargor
nem ansiedades

Na amiga noite dos notívagos
vermelha medra a esperança
de um mundo novo,
de um livre e risonho dia
que breve despontará

MADRUDAGAS

Para Diva Borges

Que te dizer agora
amiga
se os rios correm ainda
plácida e secularmente
ao mar?
Que tenho o supremo
poder
de criar ou destruir
a vida,
que farei dos meus desígnios
a vontade universal?

Que das madrugadas ensanguentadas
dos quartéis
fiz
o adubo das manhãs futuras
com que continuaremos
estoicamente
sonhar?

Se dizer-te tenho algumas
coisas
amiga
é que das frias tumbas
em que nos encerraram
ouvimos já mais forte
o povo gritando na praça
e nas assembléias
a palavra mágica da
G R E V E
na boca da massa ressuscitar

Se dizer-te tenho algumas
coisas
é o que aprendemos
duramente
sob torturas e gritos
nas madrugadas de sangue
dos quartéis:

- No povo
reside toda a força
de que necessitamos



Se pudesse ir ao teu encontro...

SE PUDESSE

Se pudesse
ir ao teu encontro
H O J E
um dia assim
de natureza calma
em que o peito tenho
transbordando de ternuras
flores de sentimento
que deporia em tuas mãos
nos teus olhos.

Se pudesse
ir ao teu encontro
H O J E
Inebriar-te-ia com meu afeto
e te conduziria
ao bosque do amor.

Lá
de rosas é recoberto o chão
os ruídos são de pássaros
debicando os frutos maduros
o vento
soprando nas árvores
músicas mais suaves que
as de Chopin e Bach

Para lá
eu te levaria
se pudesse
ir ao teu encontro
H O J E
que o peito tenho
transbordando de ternuras.

POEMA LIVRE

Não
jamais aprisionarei este
poema
nas frias argolas das
palavras

O deixarei flutuar
livremente
com a suavidade da brisa
primaveril que inicia
percorrendo os mares
e os campos
aonde jamais poderei estar

Não
Este poema será livre
como nasceu,
será apenas sentido
compreendido
sofrido
e jamais escrito.

MUDANÇAS

*Para Márcio Luiz Donnici**

Ontem
o tempo parado
o corredor vazio
o frio bolorento escorrendo
pelas paredes cinzas
e a luz tragada pela escuridão
do cárcere

Hoje
o movimento intenso
e o colorido das ruas
o suave mistério das noites
mergulhadas na claridade
da lua,
e o sol ardente da liberdade
há anos sonhada
a me morder a pele enrugada

pelos anos amargos
de um forçado e disfarçado
exílio: a prisão
Agora
a chama crescente audaz
o reencontro de velhos
companheiros
da nova cidade que sempre
conheci
das faixas e cartazes
do povo novamente
se reunindo nas praças.
Compreendo então com alegria
que os tempos mudaram...
Só o que não mudou
são nossos ímpetos,
nossos sonhos de liberdade.

***Nota:** Marcio Donnici foi o advogado que, juntamente com o **Movimento Feminino pela Anistia**, pôs em liberdade o autor, no dia 13 de julho de 1979, um sexta-feira.



Fui em princípio uma estranha substância.

EVOLUÇÃO DA VIDA

Venho da mais longínqua
profundeza
mas não estou vindo
de outro mundo.

Sou um elo
na cadeia evolutiva
da natureza.

Não importa que alegues
não me conhecer
fui em princípio
uma estranha substância
depois...

a Vida
em seu primordial alvorecer!

Quando surgi
no tempo
nem sequer havia demarcação.

Tudo nascia e morria
em transformação sucessivas
não existia Ciência
nem livros
onde buscar explicação,
era simplesmente um ser
da eras primitivas...

Hoje Homem
de uma coisa tenho certeza!
- sou, entre outras,
a mais perfeita inteligência
modifico as leis
e até mesmo a natureza
sou
do Universo
a própria Consciência

ÚNICA PAISAGEM

Meus olhos dançam
na única paisagem
e a vida assume
o aspecto de um postal
na distância.
Árvores me ensaiam acenos
de verdes mãos
trêmulos do sopro outonal!
Dançam meus olhos
na manhã cinzenta
a clorofilática canção
da única paisagem
O sol adormecido jaz
num leito de pardas nuvens
solene como um Deus
recusando-se iluminar
a única paisagem
em que pousam
ávidos
os olhos meus.

CANÇÃO DE OUTONO

A luz caindo na manhã
de outono
as folhas vão rolando
ao léu do vento
nas ruas ficam tal um
cão sem dono
sofrendo inerme aquele
esquecimento
E o outono vai passando
lentamente
deixando lembranças
pelo chão
são lágrimas de um pranto
comovente
nas folhas amarelas da ilusão

Amarelando as copas
transmudando
o verde nesse tom
desesperado
onde passa tristeza vai
deixando

trazendo à tona coisas
do passado.
As folhas caem lânguidas
assim
no espaço claro vão rodopiando:
- são músicas!
Natura vai cantando
Outono, parte
Já chegou teu fim.

MINHA NAU

Nem mesmo o sopro
de saudade
a enfurnar a vela
da minha nau.
A esmo
navego eu
pela amplidão revolta
onde somente as gaivotas
a esmo
voam como eu.
Angustiado
às gaivotas tento indagar
- para onde voam?
Mas tudo é vão
o mar sufoca minha voz
e a imensa exaustão
torna a jornada mais atroz.

As gaivotas
navegam como eu
sem um rumo certo
desesperadas
buscam um porto
sem sabê-lo
longe ou perto.

Olhando o mar
em calmaria
até onde a vista alcança
exausto já sem poder remar,
rogo à mãe NATURA
uma brisa de bonança
que desta insuportável
agrura
me conduza ao porto
da esperança

CREPÚSCULO

À tarde
um piano
e uma canção.
O dia a se deitar
nos braços morenos da noite.
Árvores se recortam
no infinito crepuscular...
Da canção
os acordes são carícias.

São como se a noite,
o dia estivesse a amar.

E que vontade infinita
de ser também um acorde
e no Cosmos penetrar,
dizer odes às estrelas
amantes que não posso tê-las,

ofertar este poema à lua
dizer-lhe que minha alma
é sua.

Mas a suave brisa espalhou
todos os sonhos meus.

E a canção
acabou num triste adeus.

No Cosmos
eu queria caminhar
intensamente
porque nos braços morenos
da noite
somente
o dia se pode deitar.

JORNADA

O mar ruge
seu lamento bravo.
A brisa afaga as folhas
soprando esperanças
sobre o povo escravo.
Caminhando para um
novo mundo
o homem leva sobre
os ombros:
tradições,
ruínas
de um mundo ocioso.
Arrasta lamentos
que os séculos não
silenciaram...
mesmo assim caminha!

Corpos irmãos
Tombam sobre a terra.
São sementes...
Para a colheita do amanhã.



o último homem ainda não morreu/

EMPIRISMO

Na planície além estendida
existe um árvore:

- sou eu

Na inclemente extensão

Avulta uma sombra:

- é a minha...

Nessa deserta planície
pés suas formas imprimiram:

- são os meus...

A única figura humana

Na vastidão quieta,

sou eu...

Os abutres sobrevoam o solo

Impacientes

Porque o último homem

ainda não morreu!

* Nota: Este poema ganhou o 4º lugar no Festival de Músicas e Poesia na Lemos Brito, em 1968 – Rio de Janeiro.

CHE GUEVARA

CHE GUEVARA

Águia dos Andes
que num vôo rasante
em busca da liberdade
pousou heroicamente
no chão da eternidade

Nas plagas argentinas
acendeste o archote
da libertação continental.
Lutaste na Guatemala
ajudaste na Revolução Cubana
a luz te fugiu aos olhos
nas selvas bolivianas

CHE GUEVARA

O teu grito ainda ecoa

Pelas cristas das montanhas:
- Um! Dois! Três!
Muitos Vietnã!
Às armas oh! Heróis da Liberdade!

CHE GUEVARA
Águia dos Andes
que num vôo rasante
em busca da liberdade
pousou heroicamente
no chão da eternidade!

RISO DA MADRUGADA

Ri
é madrugada
O sol desperta
para amanhã
esquentar.

Os pássaros trinam
a canção do amanhecer
Olha
desperta a vida
só quem ama
sabe o valor do viver.

Ri
a vida canta
a cidade se agita
ao som do riso teu.

AUSÊNCIA

Por que não vens
se te quero tanto,
se minhas mãos anseiam
pelas tuas?

Por que
de tua ausência
é feita a noite?

Vem!

Meus braços pedem
o corpo teu

Pesa-me o silêncio
sobre o ardente peito
meu corpo grita seus desejos
e delirante apalpo
o duro leito.

Porque não vens?

A noite é longa
se o leito está vazio.
Morrem em meus lábios
os beijos
que te reservei
agoniado espreito
a sensual imagem
que em vão crio
nessa noite em que teus olhos
são as únicas estrelas
a cintilar no céu
dos meus desejos
Se não vens,
porque
demora tanto o dia?

AMOR DE POETA

Essa revolta abrigada
em meu peito
quase a me sufocar
é a vontade incontida de amar
com um amor livre e puro
e poucas
me saberão amar.

Quero um amor com pureza
livre como correnteza,
suave como a brisa
soprando lá fora
no mar.

Essa revolta é repulsa
ao amor
a mim oferecido.

Quero amar livremente
mas ainda não fui
entendido.

Prazeres torpes me oferecem
e disso tenho horror,

oh! Se os homens pudessem
não chamar isso
de amor.

E se recurso alguém diz:

- Ele não sabe o que quer
por isso é muito infeliz,
onde se viu amor puro
num coração de mulher?

É a revolta abrigada
Em meu peito...

Pergunto então

Com o coração destroçado:

- Mulheres...

há dentre vós alguém
que com pureza
a mim

seja capaz de amar?

E se o silêncio

fora única resposta

julgando isso ser fantasia,
continuarei amando essa

Deusa

a quem chamamos .. Poesia

AVE PEREGRINA

à Janaide

Pousaste em minha vida
(uma tarde triste)
tal uma ave
peregrina
buscando um galho
onde repousar

Trouxeste em tuas asas
aroma de longínquos sítios
do verde com que teimo
ainda sonhar.

E pensei talvez
Quereres apenas descansar.

Providenciei-te água
aconchego
gotas de esperança
e te ensinei
novo rumo por onde
mais seguro seria
a viagem continuar.

A noite chegou e
mansamente
adormeceste...
Sem palavras,
Resolveste ficar.

* Nota: Janaide, com quem me casei na
Fortaleza de Santa Cruz, em 1974, é mãe dos
meus filhos, Andréia, Rafael e Rui.

POEMA DAS TUAS MÃOS

As tuas mãos,
pássaros que cantam ternuras
na árvore sangüínea
dos meus sentidos.
São dois peixinhos a navegar
com afagos
na arrebentação espumejante
de carinho.

As tuas mãos
maestrinas dedilhando
acordes
da canção escrita no
labor constante.
Pequenas
mornas
são meninas plantando auroras
na terra fértil do amor.

Mãos lançando sementes
de novas carícias

que arrebetam grilhões
dos Prometeus.
Com carinho forjam armas
na ternura temperada
ao combate dos plebeus.
Mãos que confortam os aflitos,
quando na vida homens
resvalam
na ladeira dos conflitos

O R Á C U L O

Sonhei que era um Deus
E que eras a minha
mais ardente devota.
Que trazias flores em quantidade
e vinhas orar
no meu pedestal.
Tuas preces
eram poemas de amor.

“Oh! S E N H O R
se eu te pudesse amar
se fosses homem
e não um Deus
se apenas um raio do
teu clarão
ferisse os olhos meus.
Se da luz do teu olhar
reflexos chegassem
até mim

a vida seria eterna
primavera
num roseiral sem fim.

Mas não ouves sequer
os meus clamores
ignoras que as trazidas
flores
são lágrimas derramadas
na senda dos dissabores.
Oh! S E N H O R
se eu te pudesse amar
se de repente
descesses desse altar
e me tomasse as mãos
ávidas
das tuas entrelaçar
me dando a certeza
do valor
de minhas preces
de um Deus
num homem transformar
o resto dos meus dias

o meu ser seria teu
os meus braços,
o teu templo
a minha boca,
a taça
onde beberias o vinho
do prazer.

Os meus olhos
o límpido lago
em que te pudesses
mirar.

Orar então
não seria um sacrifício
e sim o cântico das entranhas
o ritual do Amor

.....

Oh! S E N H O R
Se eu te pudesse amar
Se fosses homem
e não um Deus.”

POEMA DO ENCONTRO

O nosso encontro deu vida
a este poema de amor.
Metamorfoseou a solidão
na festa
em que ora
nos deslumbramos
como distraídas crianças
nos campos colhendo flores
buscando a praia distante
onde nossos sonhos
assumirão formas reais.

O nosso encontro...

Matou a imensa tristeza
que me corroia a alma

por te fantasiar,
única maneira de
te conhecer.

Agora
poderei morrer tranqüilo
depois
de te amar
e as ternuras
que levaria n'alma
se não te houvesse encontrado
transformaram-se nos beijos
que veio nosso encontro
finalmente
materializar.

POEMA DOS TEUS OLHOS

Sim
os teus olhos são calmos
um mar
onde navego o barco dos
meus desejos
Faróis clareando um
continente novo
à luz ardente do amor.

Plumas multicores
que afagam nos teus olhares,
um mar
os teus olhos.
Desejo banhar-me neles
e num mergulho buscar
de suas profundezas
as pérolas que cintilam
no brilho expressivo dos
teus sentimentos.

Teus olhos
sol em meu degredo
contam-me estranhas lendas
de amor.

Mar sem escolhos
onde pesco o raro peixe
dos meus anseios
que sacia minha sede
de água que lave meus
sentimentos.

Um farol verde na tormenta
dos meus conflitos,
na noite fria
a fogueira onde se queimam
as agruras de tua ausência.

Teus olhos?

Uma esperança acesa aos meus
num convite terno
em que não há adeus!

POEMA DA DESPEDIDA

Por que vais?
Se ficasses
Amar-te-ia intensamente.
Colherias dos meus lábios
os frutos amadurecidos
no último outono.
Não haveria despedida.
Tuas mãos seriam
Âncoras às minhas.
Porque vais?
Se ficasses
à distância seria
a dos meus olhos nos teus.
De ternos sonhos
seriam nossas noites
o meu canto, mais ardente.
Fica!

Terás meus braços.
Tudo que trago n'alma
dar-te-ei para que fiques.
Nossos carinhos transformarão
em lirismo
as vazias noites.

O RECADO

Cabo Frio
quebro já os grilhões.
Pronta está a escuna
para o meu velejo,
zarparei breve,
espera-me...
Levarei para tuas praias
a sereia mias ardente:
- A índia de olhos verdes,
da cor do mar.
Na tua cabana
noites inteiras vamos amar,
espera-me Cabo Frio
Podes te engalanar.
Os grilhões?
Não tardarei arrebentar!
Eu te prometo, Cabo Frio:
- Brevemente
com meu amor nos braços
tuas areias hei de pisar.

POEMA DO RETORNO

Quando voltares
traze em teus olhos
Os matizes de longínquas
Paisagens.
Traze na boca
o frescor de brisas
campestres,
na pele
o aroma esverdeante
das Campinas
traze nos cabelos as flores
e no sorriso
a luz das paragens
por onde fores.
Quando voltares
correndo vem aos braços meus
e te amarei com mais
ardor
porque voltaste ao
encanto
dos dias meus.

NOITE FRIA

Tormento
é esta noite fria.
Em que mãos buscando mãos
encontram apenas o vazio.
Onde olhos buscando olhos
não vêem sequer estrelas,
e num olhar reto,
vislumbro
de minha cela
o céu de concreto.
Tormentosa noite fria
tic-tac tic-tac
são os passos das horas
e tuas mãos não vêm
às minhas se entrelaçar.
No meu leito deserto
abraço o corpo da noite
e beijo minha fantasia.
Aquecendo-me
em meus próprios braços
sufoco
os tormentos
desta noite vazia.

MANHÃ PRIMEIRA

À Leda Carrilho

De repente
rompeu-se o ventre
da minha solidão.
Ouvi músicas estranhas
meus olhos sentiram a cor
de um sol desconhecido,
senti ruídos de passos:

- Eras tu!

E a solidão fugiu
com o ventre sangrando
foi morrer na tristeza
do seu desterro.

Como de um sonho
letárgico
saltei novamente para a vida!
Bebi

no policrômico lago dos teus olhos
a alegria da manhã festiva que é agora
a minha vida!

De repente

Rompeu-se o ventre
da minha solidão.

Surgiu-me então mundo em festa.

Tuas mãos...

Tuas mãos estenderam-se

Para mim

Num convite jamais visto

Agora

Na planície extensa

existem duas árvores

Tuas espera é a alegria

dos meus dias

tua presença

é o esplendor desta

manhã primeira!

VOLTA DA ASA BRANCA

A asa branca
riscando o céu aço
da caatinga
voltou para o sertão
saudosa das árvores
onde nasceu
dos frutos doces
que sempre debicou

- Eu também devo voltar

A seca
que do sertão me expulsou
foi-se embora
expulsa ao ronco do trovão
e no sertão a vida
já promete
nova aurora.
Posso mergulhar os olhos

na imensidão verdejante
dos campos
e ver a chuva encharcado
a terra.

A natureza se arrebetando
em espigas de milho
em cachopos de algodão
tabaco bom pra gente pitar
aquele saboroso feijão
de corda

e uma morena roliça
pra cá no peito aninhar.

A asa branca voltou a
cantar

praqueles lados do Norte
lá onde deixei minhas raízes
minha gente
meu violão.

Não

não agüento mais

vou voltar pro meu sertão!!

“EU SEM VOCÊ”

“Eu sem você”

sou caminhante sem rumo
olhos pregados no horizonte
a te buscar

uma noite sem luz

um ser sem amor

sou árvore sem frutos

um pássaro sem canto

sou todo uma expressão de dor

“Eu sem você”

Não sinto mais alegria

minha vida incolor

é uma pobre fantasia

quanta ternura transborda

o meu peito

“Eu sem você...”

Quantos sussurros contidos

de amor

quão cansados estão

os meus olhos

de varrer o além

oh! Quanta vontade de ver

renascer nosso amor

LEMBRANÇA

*Ao Roberto Cieto**

Sendo impunemente silenciado
nas frias garras sanguinárias do gueto,
terrivelmente batido e acochado,
tombou renitente Roberto Cieto.

Foram uns dez longos anos sofridos.
Esquecer como trágica partida?
Anos valentemente aguerridos
num pálido arremedo de vida.

Ficou-me dele perene lembrança,
a germinar trêmula esperança
no raiar duma rubra claridade.

A brisa do monte suave e fagueira,
Vai drapejando solene a bandeira
Ligeira, da imortal liberdade!

* Nota: Roberto Cieto participou da fuga armada da Penitenciária Lemos de Brito, realizada em 1969. Participou da fundação do Movimento Armado Revolucionário – MAR. Depois de recapturado, foi assassinado na PE da Rua Barão de Mesquita no Rio de Janeiro –RJ.

PERPETUAÇÃO DA VIDA

Da morte correndo na fugaz vida,
forjamos séculos de plenas luzes
querendo no afã evitar a partida,
e nunca o corpo pousar sob as cruzes.

O tempo ritmicamente rolando,
os astros no firmamento infinito,
aos homens na Terra dista gritando:
- A morte jamais existiu é um mito!

No reflorir da fecundante Ciência,
Perscrutando da Vida rara essência,
Viver talvez seja um sopro da sorte.

Erguendo-se o homem duma substância,
vence a incomensurável distância
na batalha indômita com a morte.

MURMÚRIOS DA NOITE

Na quietude da noite, o mar ouço rolar
recordo sonho que empolgam a alma
buscando insone o sono conciliar,
murmuram as ondas na noite calma.

Lá fora a densa escuridão é fria,
saudades me oprimem sob a coberta
e se não raiar um ensolarado dia,
outra agonia sobreviverá na certa.

Passam perdidas horas, eu a cismar
os cães distante com o seu ladrar
perturbam a noite sem perceber.

Cricrilam grilos em desarmonia,
Intimamente já compreendia
seguir insone até o dia amanhecer.

PAISAGEM

A Regina Pouchin

No escombro
do que hoje
é minha vida,
apenas tua figura
não ruiu.

No espaço
Bailam tranqüilas gaivotas
Sem te ofuscarem a postura.

Ressecados
Galhos lançam as árvores
Retorcendo-se
contra o aveludado azul
a te recortar o perfil.
Qual inocente
menina
brincas dentre o escombro
plantado árvores,
quem sabe
colhendo flores?

NINHO

*Á Neila Tavares**

Em meio a voraz tormenta que caminho,
tua figura segue-me com alento,
cansado busco em teu sorriso o ninho
esperançoso abrigo ao meu tormento.

Escondeu-se no meu deserto o sol.
Hoje teus meigos olhos recordando,
trazem-me a luz candente do arrebol,
no mar d'angústia em que vou navegando.

No crestado palco desta paisagem,
em que desempenhando estóico drama,
Beijar-me sinto refrescante aragem.
Trago feridos os pés de caminhar
em vão buscando a verdejante grama,
onde da cruel jornada repousar.

* Nota: A atriz Neila Tavares representou a peça “Quem casa quer casa” na Penitenciária Lemos de Brito, onde tornou-se amiga querida.

ETERNIDADE

*- Os poetas continuam para sempre no mundo
Asas da eternidade extraviadas no tempo
Não estão mortos, são apenas pássaros perdidos no vento.*

- Mário Quintana

Quando eu morrer
(se é que os poetas morrem...)
Prefiro que seja
Num crepúsculo de outono.
Quero levar impressa
nas retinas
a multiluminosidade do sol
deitando-se no mar
e a brisa fresca a me afagar.

Quando eu morrer
(se é que os poetas morrem...)

Quero os tímpanos impregnados
da sinfonia
composta pelo rumor das ondas
e o cântico dos pássaros
num crepúsculo de outono.
Quero partir abraçado à certeza
que do meu plantio
alguém fará a colheita,
embora no peito leve
a mágoa de não poder
saborear os livre frutos da terra
semeada com meus sonhos
de eternidade.

DESCRENÇA

Não!

Não me digam que a vida

Será sempre assim.

Alguns nascendo sem o direito

de viver,

milhares sem teto

onde da vida esperar o fim.

É um quadro desumano

impossível de se acreditar,

quanta hipocrisia

diante disso

se falar de amor.

Os senhores

Certamente não de dizer

- O destino nunca se poderá mudar,

foi assim desde o princípio

não há outro caminho

a trilhar...
Mas nisso eu creio.
- Vêem como livres este punhos estão?
Neles havia algemas
Rebentei-as
Com força de um tufão.
Fui escravo
hoje sou um cidadão,
mas não foi a Princesa Isabel
que generosamente
deu-m a libertação.
Lutei anos nos quilombos.
Proclamei
a República dos Palmares.
A história da Princesa,
é pura mistificação.
Não!
Não me digam que a vida
será sempre assim,
se a exploração teve começo
também terá seu fim.

HORAS AMARGAS

Soturna solidão
Tétrica e inseparável companheira
das minhas longas noites
de agonia
Deixa-me ver em paz
a luz primeira do alvorecer
trazendo um novo dia.
Em minha fria cela
a me estorcer
da vida sinto o dissabor
tal uma flor sem sol
e sem odor
pendida na haste a fenecer.
De cigarros entre os dedos,
busco ao pensamento dar
um curso diferente ao meu
degrado.
Ele insiste em ficar!

Em minha fervida imaginação,
vendo a fumaça esvoaçar
ouço
o triste ritmo da canção
entoada pelas horas
ao passar.

E num bailado trágico
a fumaça descreve no ar
a dança do pavor,
da noite que lentamente passa
sou apenas um espectador.

Ao derredor
Procuro lenitivo
mas nada aplaca a mágoa
em meu sofrer.

Não compreendo o quanto
sofro e vivo
morrendo aos poucos
sem sequer viver.

TERNURAMOR

Para o teu amor
eu me guardei
armazenando no peito
uma torrente de ternura
com que irrigar tua vida.
Nas mãos
virgens carinhos tenho
para te deliciar
quando puderem elas
avidamente
desvendar segredos depositados
pela vida em teu corpo.
Te banharás
algum dia
na represa em que contidas
estão minhas ternuras.
Te aquecerás então
no sol guardado em meu peito
e um dia qualquer
despertarás assim feliz
na embriaguez de ser mulher

SONHADORA

Perpassa em teus olhos
uma fumaça de sonhos
Percebo em teus gestos
Traços de uma escultura
Ingênua

Inacabada.

De coisas assim

Se constrói a vida:

- De fumaça de sonhos,

De gestos não ensaiados
esboçados levemente no ar.

Se da fumaça dos teus sonhos

Surgir o mundo que esperamos

Valerei para que jamais

Acordes aos gritos

Lancinantes dos angustiados que gemem

Sob o golpe da faca afiada

Da realidade penetrando seus corpos.

Valerei para que não vejam seus olhos

Baços,

Onde não jaz sequer uma fumaça de sonhos

POEMA LIVRE

À Tereza Drummond

Não
jamais aprisionarei este
poema
nas frias argolas das
palavras

O deixarei flutuar
livremente
com a suavidade da brisa
primaveril que inicia
acariciando os mares
e os campos
onde jamais poderei estar

Este poema será livre
como nasceu
será apenas sentido
compreendido
sofrido
e jamais ESCRITO.

LEMBRANÇA

*Ao Roberto Cieto**

Sendo impunemente silenciado
nas frias garras sanguinárias do gueto,
terrivelmente batido e acochado,
tombou renitente Roberto Cieto.

Foram uns dez longos anos sofridos.
Esquecer como trágica partida?
Anos valentemente aguerridos
num pálido arremedo de vida.

Ficou-me dele perene lembrança,
a germinar trêmula esperança
no raiar duma rubra claridade.

A brisa do monte suave e fagueira,
Vai drapejando solene a bandeira
Ligeira, da imortal liberdade!

* Nota: Roberto Cieto participou da fuga armada da Penitenciária Lemos de Brito, realizada em 1969. Participou da fundação do Movimento Armado Revolucionário – MAR. Depois de recapturado, foi assassinado na PE da Rua Barão de Mesquita no Rio de Janeiro –RJ.

MUDANÇAS *

Ontem

o tempo parado

o corredor vazio

o frio bolorento escorrendo

pelas paredes cinzas

a luz tragada pela escuridão

do cárcere

Hoje

o movimento intenso

e o colorido das ruas

o suave

mistério das noites

mergulhadas na claridade

da lua

e o sol ardente da liberdade

há anos sonhada

a me morder a pele enrugada
pelos anos amargos
de um forçado e disfarçado
exílio: a prisão.

Agora

a chama crescendo audaz
o reencontro de velhos companheiros
da nova cidade que sempre conheci
das faixas e cartazes
do povo novamente
se reunindo nas praças.

Compreendo então com alegria
que os tempos mudaram...

só o que não mudou
são nossos ímpetos
nossos sonhos de liberdade.

* **NOTA:** Márcio Donnici foi o advogado que, juntamente com o **Movimento Feminino pela Anistia**, pôs em Liberdade o autor, no dia 13 de julho de 1969, uma Sexta-feira.

CASTRO ALVES

CASTRO ALVES

Um canto de liberdade
que a morte silenciou
no esplendor da mocidade.
Ao Poeta dos Escravos
escravos de todo o Universo
ergo o Pedestal dos bravos
cada tijolo é um verso

CASTRO ALVES

teu bravo canto despertou
oprimidos povos do mundo,
nem um século silenciou
o seu bélico ecoar profundo,
exemplo de amor e bravura
que não devemos esquecer
de tua sábia semente
árvores estão a florescer

CASTRO ALVES

Ainda jovem morreu
de nós jamais se separou
deixando eterna lembrança
em obras que nos legou.
Aquele Navio Negreiro
Ainda singra os mares
sob espesso nevoeiro
e dos parias mensageiro
rasgará o condor os ares.

CASTRO ALVES

vejo de tua sepultura
refulgir risonha aurora
rompendo além a amargura
plena de pesares tantos.
Clareia um sol rubro os mares
Lançando a temeridade:
- São os guerreiros dos Palmares
desfraldando audaz bandeira
da Esquadra da Liberdade

ULTIMO VERÃO

Ao Marco Antônio*

Ecoaram os tiros na tarde quente
da cosmopolita Copacabana,

um corpo no chão rolou surdamente,
morreu abraçado à esperança serrana.

E foi-se como milhares de bravos
que semelhante bandeira empunharam;
fugindo à sorte fadada aos escravos
trilhou pela estrada em que outros passaram.

Pouca coisa disseram os jornais.
A vil tocaia num tórrido verão,
foi mais um de tantos “casos banais”.

O exemplo ficou em rútila semente.
Noutros peitos fortes ideais serão,
feliz fazendo a terra eternamente!

Nota: Marco Antonio, ex-vice-presidente da Associação dos Marinheiros. Participou da fuga armada da Penitenciária Lemos Brito Realizada em 1969, onde ajudou a fundar o Movimento Armado Revolucionário – MAR. Foi fuzilado pela PE da Rua Barão de Mesquita ao chegar ao aparelho em Copacabana – Rj, no dia 13 de janeiro de 1970.

Tremor da Madrugada

Na viagem ao amanhecer

na aurora do teu corpo,
até ao âmago, às vezes
sinto a chama estremecer,
a luz sumir aos poucos
e o canto eterno emudecer.
A madrugada caminha para mim
enquanto dormes em riso solto
aos astros que te afagam.

Em serenatas multicores
quedam-se aos encantos teus.

Assim, chega a madrugada
trazendo o sol em manto
ao espanto do tardio inverno
que parte para longe em pranto.

Passeio nas Estrelas

Se fores passear

Por longínquas estrelas, leva-me
contigo
Aqui, as noites
Não têm mais luar
nem as flores, perfume.
Aqui, resta a deserta solidão...
Se passear fores,
Por longínquas estrelas,
Leva-me contigo;
livra-me do salário amargo
com que até morrer
já não consigo.

Verão no Rio

Para Joseane, com ternura

Cambaleia um bêbado poste

ziguezagueando ruas
na escaldante tarde

deste verão nadando um mar
de espumante cerveja.
Acena-me um peixe frito
seu convite-fascinação.
Cambaleia um bêbado poste
ziguezagueando ruas,
de braços com seu amor
perambulam a praia arenosa
no escaldante verão
desta cidade! Maravilhosa!

ETERNA AMANHÃ

Antes de sair lua
sem queixas,
hás de vir ao encontro meu

hã

no rosto trazendo a luz da

Eterna manhã de amor,
enquanto vens beirando
a orla de brancas espumas,
na areia imprimis
rastros de um longínquo
Ser...

Rio, 7 de fevereiro

A Cegonha e a Primavera

(Para a querida CIDA, com carinho.)

Porque hoje é sexta-feira, 15 de outubro,

e a Primavera semeou de flores os
campos,
a luz se fez carne iluminando os olhos teus.

Porque hoje é sexta-feira
e tu existes para a felicidade dos meus
olhos, simplesmente
porque hoje é sexta-feira
e a CIDA é uma canção
embalando sonhos de uma
noite de verão.

Simplesmente porque
hoje é sexta-feira,
desceste das nuvens
iluminando os olhos meus.

Simplesmente
porque és a sexta-feira
que não é a da paixão,
mas a alegria dos
nossos corações.

Porque hoje é sexta-feira
e te fizestes luz
na escuridão dos tempos.

Rio, 7 de fevereiro de 2004

CAMINHAR

Não há tempo para reclamar.
Resta-nos apenas estradas
a caminhar.
ao cerco inimigo escapar

não deixá-lo nos aniquilar.
Reclamar já não é preciso,
resta-nos apenas trilhar
os caminhos da liberdade
sem compaixão.
ao chão
a carga do medo atirar
Lá adiante,
O sol nos espera,
Pois já não há tempo
Para apenas reclamar.

COVEIRO DA ESPERANÇA

Lapa, 21 de setembro de 2006

Sei que não serei
o coveiro da esperança
mas o apanhador

de rútilas auroras.
Nem serei o mensageiro
da paz dos mortos
do silêncio dos campos
sem o gorjeio dos pássaros.
Não certamente isso não serei
se no peito carrego
o riso das crianças
e a alegria das manhãs
que ainda não aconteceram
trago nas mãos ainda firmes
sementes de um diferente
amanhã.

Cinelândia, 28/05/2008

Viagem na noite

Noites de lua me fascinam,
elas me fazem levitar.
Solitariamente...

Imagino as noites escuras
da tumba,
a laje sobre meus olhos
baços,
a terra pesando úmida
sobre meu peito...
Quando a morte chegar,
não serão preciso velas
tão pouco meu corpo
cremar.
Que o deem ao solo,
ao alimento dos vermes,
das árvores e flores que
ao decorrer infinito
dos séculos
certamente não de germinar.
Então
na vastidão da noite
serei apenas um pássaro livre
a viajar...
E assim Diva,

talvez me vá
na esperança
de sempre te reencontrar.

SÉCULOS DE TERNURA

Voar..veloz..em..meu..delírio..audaz
Na infinita ânsia do desejo...

E depois
na ingrata sede dos teus braços
dormir séculos de ternura.
E quando amanhã o sol vier
banhar os prados
os pulmões

nerrei

Com sua branca luz
E colherei as margaridas
Que a manhã produz.
Assim
me embriagarei com a noite
e suas cintilantes estrelas
solidão verde dos
prados
a me envolver docemente.

Sol sobre flores

Olhem o sol deitando-se
sobre as flores do jardim.

Deitando-se sobre elas
com vagar e carinho.
Ele não vai machucá-las
Sabe ele seus espinhos
mesmo fecundando-as
Com o riso da primavera
Que já desponta inundando
Os prados
da nossa imaginação.

Rio/ 11/12/16

Poema olímpico

Numa manhã de sol
Saí para Copacabana.
A música dizia isso também:

– “hoje eu quero sair só” ...
Com tantas e lindas garotas
Numa esplendida manhã de sol?
Então, liguei para Helena
buscando companhia,
ela não podia vir...
– Fazia as unhas...
Que pena,
Helena perdeu
linda manhã de sol
na morna areia de Copacabana,
razão de, às vezes,
preferirmos sair só...
embora numa olímpica manhã de sol

Rio / 6 /16

NOSSOS INSTANTES

Isabella,
A lua sumiu,

a canção se foi.
Continuo sozinho na noite.
E o amanhã não sei
O que há de trazer.
Hoje foram esses instantes,
Nossos sonhos
Sentido de nossas vidas.

Rio, 8 de outubro de 2015

Se vieres hoje

Ah! Isabella
Se vieres ainda hoje

junto com a noite
que maravilha, musa!
Assim que chegares aqui
ainda hoje festejaremos,
e desfrutaremos um pouco
da suavidade da noite...
Então não haverá mais saudades
de nem a fria manhã há de chegar
no céu, apenas estrelas
mergulhadas
na penumbra da lua...
Se vieres ainda hoje
ao cair da noite.
O silêncio então será
Única testemunha
de tua presença.
Que venhas logo
a longa espera é só martírio.

O FUTURO HÁ DE VIR

Sim, Isabella
O amanhã há de vir.
*Agora já não há mais
escuridão*

*nem incertezas
se a luz dos olhos teus
iluminam meus caminhos.
Além...*

*um prado florido
nos acena ternuras
em cálida tarde de outono
sob céu profundamente azul.*

Depois...

*Ah! Depois
depois a noite recobrirá
nossos corpos com o macio
manto do outono de nossas vidas.
Em torno a nós
então haverá somente
o gemido das brisas ritmando
o canto dos pássaros
despertando a manhã
que ainda dorme em nossos braços.
O amanhã há de vir.
Agora já não há mais escuridão*

*nem incertezas
se a luz dos olhos teus*

Iluminam meus caminhos.

Além...

*um prado florido
nos acena ternuras
em cálida tarde de outono
sob céu profundamente azul.*

Depois...

Ah! Depois

*depois a noite recobrirá
nossos corpos com o macio
manto do outono de nossas vidas.*

Em torno a nós

*então haverá somente
o gemido das brisas ritmando
o canto dos pássaros,
despertando a manhã*

que ainda dorme em nossos braços.

Rio / Outono/ 2016

VENTO DA BONANÇA

*Se o vento da bonança
soprar sobre nós,
Bella
brevemente estaremos em Paris.
E se no céu houver passarada
aportaremos lentamente em
Passargada.*

Lá, a distância do prazer
há de ser quase nada...
Um novo mundo há de surgir
não haverá mais distância,
apenas silêncios.
E os pássaros comporão
a trilha sonora
dos nossos sonhos,
Bella
se o vento da bonança sobre nós.
soprar
Rio / Praça da Bandeira,
27/08/16

ABRIR A PORTA

Isabella,
Quando te abri a porta
naquela linda manhã de
outono
graciosamente entraste

não apenas em minha casa,
entraste também em minha vida
hospedando-se em silêncio
no meu coração.

Foi assim que chegaste,
dizendo apenas:

– Bom dia, sou Isabella,
Venho ajudar no apartamento..

Outono se foi, chegando a
Primavera.

Embora despretensiosa
das suas flores

Foste a mais linda.

Foi-se um Natal, outro
chegou.

Isabella,
Quando irás, não sei...

rogo-te apenas ficar
para sempre.

Rio, junho de 2017

ORAÇÃO DA ISABELLA

– Oh! Senhor...

Por que pousaste sobre
meus frágeis ombros
a pesada cruz da beleza?
Como ser feliz, ou tranquila
se olhares sensuais
me seguem por onde ando?

Assim, às vezes me sinto
recoberta pelo ardente manto
da sensualidade.

Olhos famintos me espreitam

pelos caminhos *onde passeio*.
E mesmo os vaga-lumes
Incendeiam minhas noites
roubando-me o direito de sonhar,
derramando com meus olhos
sobre a vastidão colorida
da natureza...
– Oh! Senhor...
Por que me recobriste
Com o manto da beleza?

Peças de ROUPA

Tuas peças de roupa ainda
jazem atiradas sobre o espelho
do meu solitário leito.
Acenando um convite mudo
dançam diante dos meus olhos
acesos pelos desejos...
pelos delírios...
pelas peças de roupas?
Não...
Do corpo lindo que elas
sempre recobrem

buscando escondê-lo
aos meus ardentes desejos
a me perturbarem
as longas noites,
nessa trágica solidão:
– Por que não vens
num lindo corpo de mulher
tornando essa noite
o paraíso perdido?

Rio, 28/de novembro de 2018

D E P O I S...

E depois na macia rede
dos teus braços,
dormirei séculos de ternura.
E quando amanhã,
o sol os prados vier banhar
com sua branca luz,
e me encher os pulmões

colherei as margaridas
que a manhã conduz.

E depois,
dos braços teus saltarei às
estrelas subindo sempre
sem à vida dizer adeus.

Diva, uma saudade

Mar de solidariedade
e amor
que a pedregosa estrada
da minha vida banhou ...
Dos sonhos meus
foi nuvem azul pairando
nas alturas dos ideais
onde brilha a luz das manhãs

com as quais hoje sonhamos.

Diva querida

Foste um lindo pássaro

Que pousou em minha vida

E depois voou para a

Eternidade.

Rio, 10/7/2010

MURMÚRIOS DA NOITE

A noite me dizia:

– Oh! Boêmio,
igual a mim nada existe,
nasci para povoar
esses misteriosos instantes
quando sou quase soberana
se até com “ela” disputo
estar sempre presente

– Eu não... – continuou a noite –
eu sou o tempo presente

tal como a vida
enquanto “ela”
é apenas lembranças...

Assim a noite murmurava coisas
desagradáveis que buscava calar
embora verdades das boêmias
madrugadas solitárias
no abandono dos cafés
– onde visito os notívagos
tornando-me assim a única
companheira na solidão constante.

Rio, 21 / de janeiro / 2018

Carnaval de 2018

Nesse Carnaval
a colombina
me deixou sozinho
em meio a alegria geral,
com outro pierrô
foi brincar o carnaval
Levou até o confete
e a serpentina

foi-se sem SEQUER
me dizer adeus.
Sozinho em meio a multidão.
Relembrei então outros carnavais
com braços a me aquecer
o pescoço e lábios ardentes
a me incendiar alma
e a multidão a cantar:

*“Um pierrô apaixonado
que vivia só cantando,
por causa de uma colombina
acabou chorando,
acabou chorando...”*

Como bom carnavalesco,
sufoquei a tristeza num copo
acompanhei os foliões a cantar:
– *“É hoje que vou me acabar
com chuva ou sem chuva
chego lá
Eu vou, eu vou
pra Jacarepaguá*

*mulher é mato e eu
preciso me arrumar! ”*

A N J O B E L A

Meu belo anjo,
o quê mais posso fazer
senão aceitar a vida como ela é?
Sabes quem sou, de onde venho
e o que busco da vida.

E para quem tanto caminhou
nas diversas estradas e trilhas:
qualquer caminho é caminho.
Jamais me deparei numa encruzilhada
sem saber que rumo seguir.

Sou caminhante dos mundos siderais,
onde meus olhos pousarem,

meus pés hão de imprimirem-se.

Musa

– Desejo que durmas bem,
quanto a mim, continuarei
na encantadora estrada da noite,
quem sabe, um novo sol me venha iluminar os
caminhos,
nos quais nunca me perdi.

Rio, 08 /janeiro / 2019

Um Grande Amor

Para a Glória com ternura

Ama-me se és a fêmea
Ardente
Que busco nessa ânsia
Trêmula de desejos
Antes que a noite caia
Feito um véu cobrindo
Nossos corpos em frêmito
Delirantes

Vem
para que tanto esperar
Se o tempo não tem idade
E no amor não há medidas.
Cinelândia, 28 / de julho / 2018.

Diva das Levianas Noites

Fernanda, Quando cantas, encantas.
Um novo sol se acende
em momentos de tantos pesares.
A noite então é mais suave.
Ao som do teu canto
a alma vaga em busca
de uma Diva perdida
em noites de luzes e maviosos sons...

A vida sofrida então desaparece
ao pisar as pedras musicais
do calçamento, volto pra casa
e palmilho as ruas já desertas
ouvindo tão somente
o suave canto teu,
a me dizer adeus...

Rio, novembro de 2018

UM MARAVILHOSO SONHO

Em 04/ de fevereiro / 20 19

Quero uma casa no campo
onde finalmente sonhar
Ou quem sabe na praia...
Lá uma barraca
Com quitutes do mar
de onde eu possa ouvir o barulho
do vento
rolando na areia a brincar ...
Se na montanha me for dado
ver o sol erguendo-se

para me visitar,
completamente feliz
vestiria então roupa campestre,
colocaria um chapéu de palha,
sairia a caminhar pelos campos
e um mundo melhor gerar
se tivesse uma casa
onde pudesse sonhar.

Uma Vida sem paixão

O coração humano não suporta
A vida sem ao menos ter
uma paixão.

Amigo, se não tens uma
Inventa essa paixão,
viver e morrer é duplamente triste
Sem ao menos ter uma paixão.
e quem nunca no peito

essa paixão carregou
Certamente não viveu
e nem amou

12 / fevereiro / 2021

TROVAS

A folha cai em lamento
Bailando com mui pesar
E traz o ressentimento
De ao galho jamais voltar
Vamos ver as lindas cores
Que nos campos nos espera
E colher todas as flores
Que nos trouxe a primavera.

Dê-me lápis e papel
Que te rabiscarei um verso
Dar-te-ei como troféu
Pedaços do Universo.

È triste a realidade
A vida aqui perdida
Sonhando a liberdade
Numa noite mal dormida.
Há flores no alto do monte
Há lírios no pantanal!
Há beleza ainda na frente
Da Helena em Castanhal.

Brasil dos meus amores
dos horizontes infinitos
das lindas noites de lua